



Programas dedicados às mulheres e às crianças marcam os primeiros vinte anos do Rádio, nas emissoras do Rio de Janeiro e São Paulo¹

Tereza Cristina Tesser²
Universidade Católica de Santos

Resumo: Ao se estudar os vinte primeiros anos do Rádio (1923 a 1943), a impressão que se tem é que apenas os homens povoavam esse universo. Contudo, ao pesquisarmos esse período, percebemos que as mulheres tiveram uma participação significativa. Atuaram como cantoras, radioatrizes e locutoras. Comandavam programas, falavam de suas dificuldades com seriedade. Conheciam o papel que desempenhavam na vida das mulheres. Os programas femininos atingiam um grande número de pessoas e se transformavam, muitas vezes, no grande companheiro de suas ouvintes. As crianças também tinham um espaço com uma programação exclusiva dedicada aos pequenos.

Palavras Chave: Mulher; Rádio; Criança; História; Feminino

¹ Trabalho apresentado ao GT História da Mídia Sonora, do V Congresso Nacional de História da Mídia, Facasper e Ciee, São Paulo, 2007.

² Mestre em Ciências da Comunicação pela ECA/USP com a dissertação De Passagem Pelos Estúdios a presença feminina no início do Rádio no Rio de Janeiro e São Paulo – (1923/1943). Professora de Jornalismo da Universidade Católica de Santos (UniSantos) – e-mail: tesser@unisantos.br



O Rádio é um veículo fascinante. Por meio do som e das vozes brinca com o imaginário dos ouvintes. Quando de sua implantação no Brasil os artistas precursores lutaram com muita dificuldade e a improvisação foi a escola dos pioneiros.

Ao se estudar os vinte primeiros anos do Rádio (1923 a 1943), a impressão que se tem é que apenas os homens povoavam esse universo. Contudo, ao pesquisarmos esse período, percebemos que as mulheres tiveram uma participação significativa. Atuaram como cantoras, radioatrizes e locutoras. Comandavam programas, falavam de suas dificuldades com seriedade. Conheciam o papel que desempenhavam na vida de suas ouvintes, numa época em que submissão era total e o mundo girava apenas em torno do lar.

A presença feminina, em determinado momento, vem subverter a ordem vigente. O reflexo que surge aí não é apenas o da classe média bem comportada, mas também a sua parcela mais emergente, que fugia dos padrões impostos.

Mostrando a evolução dos conceitos da época, na década de 30 começam a aparecer na imprensa muitas propagandas dirigidas ao público feminino. Além, também, de um crescimento visível do número de mulheres que se ofereciam para trabalhar como amassecas e cozinheiras. E outras que aceitavam encomendas de doces, para bailes, festas e casamentos.

“Depois que o último golpe de tesoura jogou ao chão a derradeira trança loura, a mulher sacudiu a cabeça, agora levíssima e sorriu para o seu novo destino. A vida moderna deu-lhe vários presentes, entre eles a faculdade de poder caminhar com firmeza, pensar com seu próprio raciocínio e viver com a vida ganha pelas suas próprias aptidões. Aos poucos, ensaiando novos costumes – como novos passos de dança – conseguiu, ensinou-se dentro de todos os centros de cultura e trabalho. Arte e ciências foram experimentadas. Por último, o Rádio uma descoberta novíssima – atrai-lhe a atenção. Curiosamente, apenas a princípio, a voz feminina acercou-se do microfone, o qual, dócil aos seus caprichos, tornou-se em pouco um dos seus maiores aliados. Logo surgiram em todas as partes do mundo locutores de vozes amáveis – novas *speakers* influídas com a profissão mais moderna do século.” É dessa forma que a Revista Carioca, de 30 de janeiro de 1937, tratava a presença feminina no Rádio.

No início dos anos 30, as emissoras de São Paulo e Rio de Janeiro já começavam a se preocupar, de fato, com uma programação radiofônica mais elaborada. Não eram transmitidos apenas trechos de música ou discursos. Surgiram, nessa época, programas de



vários gêneros. E entre eles estavam os dedicados ao público mais assíduo do Rádio: o feminino.

No Rio de Janeiro, um dos pioneiros foi o programa “Hora do Lar”, comandado por Aspázia, na PRC-8, Rádio Guanabara. Compreendia ensinamentos domésticos, aulas de teoria musical e conselhos de beleza. Recebia, em média, 250 cartas por mês. Conforme matéria na Revista Carioca, a locutora pretendia ficar incógnita. “Resolvi ser *speaker* depois que me convenci que trabalhando paciente conseguiria ampliar as finalidades do meu programa interessando satisfatoriamente aos ouvintes.”

Um programa feminino de muita repercussão nos anos 30 era “A Voz da Beleza”, da PRA-3, Rádio Clube do Rio de Janeiro. No comando estava a locutora Léa Silva. Ia ao ar diariamente das 13 às 14 horas. A Revista Walkyrias, de julho de 1936, comenta: “o mundo feminino segue atentamente seus conselhos. Um programa original e atraente. Consigna um justo orgulho à direção de uma mulher”.

A Revista O Malho de 11 de junho de 1935 destaca que entre os programas do gênero, “A Voz da Beleza” era considerado o melhor do gênero.. “Através do espírito de Léa, torna-se o Rádio um objeto de primeira necessidade para a mulher que quer ser elegante e sedutora.” Num tom de crítica, a revista completa: “um programa dedicado às mulheres e naturalmente pouco ouvido pelos cronistas de Rádio”. A Revista A Cena Muda de 26 de fevereiro de 1946, comentava que a locutora parecia ter compreendido o verdadeiro sentido da radiodifusão, pois parou de ler as cartas elogiosas que recebia dos ouvintes e melhorou o nível do programa. “Hoje, Léa mudou. Efeito do tempo? Seu programa para o sexo frágil merece ser ouvido. Além de seus conselhos, toca músicas... é alguma coisa que se recomenda no Rádio carioca.”.

“A Voz da Beleza” fez escola em diversas cidades do interior. Em Santos, estado de São Paulo, havia um programa, com o mesmo nome, comandado por Adelina Pereira da Silva. Ao fazer uma visita ao Rio de Janeiro ouviu programa na Clube e se encantou. Assim que voltou a Santos, Adelina procurou a Rádio Atlântica e iniciou, em 1937, um programa parecido e que ia ao ar diariamente das 15h30 às 16h30; adotou então o pseudônimo de Lina Léa. Ela usava esse horário para falar sobre formas de beleza, noções de tratamento de pele, cabelos e ginástica. Foram ao todo 26 anos de atividade, sendo seis na Atlântica, 14 na Rádio Clube de Santos e seis anos na Cacique.



Cumplicidade - A Rádio Transmissora do Rio de Janeiro apresentava, em 1937, “De Mulher Para Mulher”, comandado por Irma Gama. Um programa que promovia uma troca de conhecimento entre todas as mulheres, servindo ao mesmo tempo de guia e conselheiro. “Trabalhando e notando o trabalho de outras criaturas, lembrei-me um dia de organizar um programa radiofônico que trouxesse à mulher alguma utilidade”, declarou Irma para a revista Carioca de 30 de janeiro de 1937. Havia, também, uma preocupação com a culinária, com a literatura, orientação psicológica pelo microfone ou particularmente para o endereço das ouvintes.

Uma mulher que teve seu nome sempre ligado à história do Rádio foi Ismênia dos Santos. Atuou em diversas atividades radiofônicas. No caso dos programas femininos, comandou o “Programa das Damas”, onde lia crônicas de Genolino Amado e ensinava fundamentos sobre beleza, conseguindo um grande número de fãs. A Revista Carioca de 30 de janeiro de 1937 afirmava ter Ismênia “uma voz mansa e verdadeiramente feminina”, que agradava os ouvintes da PRE-8. Sobre seu sucesso declarou, em 1937 que se sentia à vontade dentro de suas novas funções e procurava sempre se aperfeiçoar. “Gosto de saber quando estou agradando ou não. Entrei para o Rádio para ser uma artista. Já fiz “*Sketes*”, humorismo e canto. Acabando como speaker tenho a impressão de estar iniciando uma coisa nova”.

Outra locutora de destaque, que exerceu várias funções no Rádio, foi Ilka Labarthe. Entre seus programas mais conhecidos estava “A Hora Feminina”, da Cruzeiro do Sul, Rio de Janeiro. Em reportagem à Revista da Semana, de julho de 1940, mostrou a importância de seu trabalho. Apresentou como exemplo das cartas que recebia diariamente a de uma ouvinte parálitica que tinha no Rádio o seu companheiro.

“Senhora, afastei todos de junto de mim, até mesmo a enfermeira que continuamente tenho ao meu lado, queria ouvir a sua resposta sozinha, como sempre estou, com minha dor. Fiz-me transportar para a sala de música, liguei o Rádio e recolhidamente escutei as palavras boas e humanitárias que me dirigiu. Seria hipocrisia confessar que meu amargor e meu sofrimento desapareceram. Mas, a dor de outras criaturas que citou no programa são bem maiores que as minhas.”

Para Ilka, a estória dessa moça foi um caso doloroso; ela estava com 22 anos quando sofreu um desastre e ficou parálitica. Durante muito tempo trocou correspondência com a locutora e depois se tornaram amigas.

A jornalista Silvia Autuori iniciou sua carreira, em São Paulo, no Diário da Noite, atuando, em 1934, como cronista e repórter. Depois foi para o Rio de Janeiro e assumiu “A Hora Feminina”, da Rádio Ipanema. Quando a Tupi foi inaugurada, em 1935, Silvia passou a transmitir um programa infantil. Ela declarou à Revista do Rádio de 27 de junho de 1950



que a idéia era muito interessante. “Nesse tempo eu estava tentando a carreira no Rádio com um programa feminino que de modo nenhum me agradava. As senhoras queriam receitas de bolo e tinturas de cabelo, tomei ojeriza por esses programas.”

Quando ainda era estudante de Direito, Nena Martinez começou atuar na Ipanema, PRH-8. A locutora declarou à Revista A Cena Muda de dezembro de 1952 como surgiu a vontade de realizar um trabalho dedicado às mulheres. “A idéia era falar sobre os assuntos que mais dizem respeito ao sexo fraco, elegância, culinária, pediatria, etc. Faço questão de afirmar que no meu programa não tenho consultório sentimental, porque acho que ninguém tem capacidade de resolver os problemas alheios, se às vezes não conseguimos resolver os nossos.”

Nena Martinez formou-se em Direito, em 12 de dezembro de 1942, pela Faculdade Nacional de Direito do Rio de Janeiro. “É talvez a única locutora a usar o Dr. antes do nome”, enfatizava a Revista A Cena Muda, de outubro de 1944.

Em 1939, Sonia Veiga transmitia, pela Transmissora do Rio de Janeiro, um programa após o meio-dia dirigido à mulher. A Revista O Malho de setembro de 1939 explicava que a locutora havia deixado o teatro pelo Rádio e agradava “porque Sonia é inteligente e capaz de grandes iniciativas, sabe viver por si mesma”. Nesse mesmo ano, Marisa Salomão apresentava, também na Transmissora, “A Nossa Palestra”, com crônicas sociais, noticiários, comentários artísticos, além de conselhos de beleza.

Elza Marzulo comandava todas as tardes, na Tupi do Rio de Janeiro, o programa “Elegância e Beleza”. Além disso, a locutora participou também dos programas de Almirante, entre eles, “Caixa de Perguntas”, “Tribunal de Melodias” e “Curiosidades do Folclore”, junto com Manoel Barcelos e Raul Brunini.

São Paulo - As Rádios também criavam seus horários dedicados às mulheres paulistas. O livro Cronologia do Rádio Paulistano cita que, em 1º de setembro de 1931, acontecia o lançamento do “Hora do Lar”, na Record, dedicado às donas-de-casa. No comando estava a Senhora Blumenschein e o programa ia ao ar às segundas, quartas e sextas-feiras, das 13 às 13h15. Já em 3 de novembro de 1932, a Cruzeiro do Sul transmitia o “Hora Azul”, às quintas-feiras, às 19h45, com palestras sobre o lar, consultório sentimental, música e conselhos úteis.

Já em 10 de fevereiro de 1933, acontecia na Cruzeiro do Sul o “Hora das Donas de Casa”, das 13 às 14 horas. Contava com músicas, economia doméstica, elaboração de cardápios, conselhos variados, crônica cinematográfica e também sessão de grafologia. No



mesmo ano, a Rádio Educadora lançava o “Programa das Mãezinhas”, das 9h30 às 10 horas, dedicado às jovens mães, com conselhos sobre higiene, educação e alimentação infantil.

A Rádio Tupi de São Paulo estreava, em setembro de 1937, o “Jornal do Lar”, das 16 às 16h30. No comando estava Maria Claudia; o programa mostrava assuntos de interesse feminino. No dia 11 desse mesmo mês e ano, a Educadora paulista lançava o “Alvorada”, com apresentação de Walter Forster, Maria de Lourdes Andrade e Alberto Cavalheiro. Ia ao ar das 7h30 às 9 horas e tratava de assuntos para a mulher e o lar.

Em 5 de dezembro, a Rádio Cosmos estreava o “Vitória Régia”, das 13 às 14 horas. Em novembro do ano seguinte, a Cruzeiro do Sul lançava “Um Programa Para Você, Amiga Ouvinte”. No comando estava Cacilda Varella, vencedora de um concurso organizado pela emissora.

O mundo não vale o seu lar - Uma artista que fez muito sucesso no Rádio foi Sagramor Scuvero. A Revista da Semana de maio de 1946 conta como tudo começou. A locutora chegou ao Rio de Janeiro por volta de 1934. Já havia criado nas emissoras de São Paulo “um gênero inédito, certamente modernizado de programas femininos, aos quais soube imprimir um cunho altamente moral e uma finalidade construtiva”. Sagramor não se especializou apenas em ler páginas românticas ou dar conselhos de beleza e receitas culinárias, embora essas modalidades também constassem de seu trabalho cotidiano.

O programa de maior sucesso e que consagrou definitivamente a locutora foi “O Mundo Não Vale O Seu Lar”. A Revista A Cena Muda de 18 de agosto de 1946 explicava que Sagramor Scuvero criou com seus programas “uma verdadeira auréola de simpatia em torno do seu nome”. Era difícil encontrar alguém do “sexo frágil” que não fosse sua ouvinte obrigatória. Poetisa, escritora de livros infantis, radiofonizou, também, a vida dos grandes cientistas. Recebia um grande número de telefonemas e uma volumosa correspondência de seus fãs. Casou-se com seu colega de Rádio, o escritor e redator Miguel Gustavo. No dia da cerimônia religiosa, a igreja ficou superlotada e o centro da cidade do Rio de Janeiro parou.

Em 1942, um anúncio do mês de agosto na Revista da Semana chamava a atenção para a programação apresentada diariamente, às 13 horas, por Sagramor: *Um Programa da sua PRA-9 para a Mulher Brasileira*.

A cada dia o programa enfocava um tema diferenciado. “Para Você, Mãezinha”, uma audição com um médico pediatra que respondia às consultas dos ouvintes; “Cozinhando pelo Rádio”, uma irradiação diretamente da cozinha de uma ouvinte com todos os ruídos e detalhes da feitura de um prato gostoso. “Marcha Nupcial”, dedicado às noivas, ao enxoval,



ao futuro lar, com o clube das Noivas que atendia solicitações de modelos e sugestões. “O Mundo Não Vale Seu Lar”, Uma audição dedicada à solução das pequenas dificuldades diárias de um lar, com o clube da economia, sugerindo planos de gastos e de tempo. E, por fim, “Moda, Elegância e Beleza”, um espaço para as jovens recebem conselhos de maquiador, cabeleireiro e um figurinista que respondiam sobre o tema “Qual o Seu Tipo”.

Sagramor também atuou na política. O escritor Sérgio Cabral conta no livro No tempo de Almirante: uma história do Rádio e da MPB, de 1990, que, em 1947, a locutora era muito famosa e se candidatou pelo Partido Republicano a um cargo de vereadora. Nessa eleição foram eleitos dois radialistas: ela e Ari Barroso.

Programas infantis - As crianças tinham um espaço nas emissoras. Diversos programas dedicados a esse público tornaram-se conhecidos e em sua maioria eram apresentados por mulheres. Mario Ferraz Sampaio, no livro História do Rádio no Brasil e no Mundo. Memórias de um pioneiro, de 1994, Em junho de 1926, a Educadora de São Paulo inicia as primeiras experiências com o transmissor de 1000 watts e amplia o horário de suas transmissões. Entre as novidades estava “Quarto de Hora da Criança”, apresentado às 17h30, com “Tia Brasília”, uma professora assim batizada em concurso, promovido entre os ouvintes, cujo nome verdadeiro não aparece, mas se tratava da irmã da Senhora Pérola Byington, casada com Alberto Byington. Em outubro desse mesmo ano, “Tia Brasília” inicia uma campanha filantrópica para compra de aparelhos de Rádio para serem doados às crianças de hospitais e creches.

Em julho de 1931, a Rádio Sociedade Record introduz um programa dedicado às crianças, “Hora Infantil”, apresentado por Joaquim Carlos Nobre. Ia ao ar aos domingos com histórias, canções e perguntas de cunho educativo e recreativo.

Os programas infantis, principalmente nas Rádios de São Paulo, tinham muitas vezes a presença de escritores ilustres, como Monteiro Lobato que, em 30 de novembro de 1931, falou para as crianças no programa “Hora Infantil” da Record. E também, Orígenes Lessa, que leu para os ouvintes as “Aventuras e Desventuras de um Cavalo de Pau”, e Pascoal Magno, que declamava poemas de seu Livro Ciranda.

Em 1932, Mary Buarque criou o “Pequenópolis”. Ali participavam artistas precoces que cantavam e recitavam versos de grandes poetas brasileiros. No comando estava Moacyr Vaz Guimarães, que tinha sete anos. Era transmitido pela PRE-7, Rádio Cosmos de São Paulo.

A partir da grande repercussão das “matinês infantis”, da Rádio Record, transmitidas diretamente dos cines República e Olímpia, em 1933, onde apareciam os personagens



Chiquinho, Chicote e Chicória, criações de Nhô Totico, os programas infantis passaram a ser um rico filão para as emissoras paulistas.

A Cruzeiro do Sul de São Paulo lança, em 2 de abril de 1937, sob a direção da professora Virgínia Rizzardi, a “Tia Justina”, um programa eminentemente educativo, cujo objetivo era a formação intelectual das crianças. Ia ao ar às 16 horas e tinha música, anedotas, concursos e prêmios escolares.

Já a Difusora apresenta, em junho de 1937, “As Aventuras de Dick Peter”, com concursos e prêmios estimulando a imaginação da garotada. E, em 20 de julho do mesmo ano, na mesma emissora, surge o Clube do Papai Noel, que dava direito a carteirinha e assistência médica aos associados. Durante a semana eram tocadas as músicas pedidas pelos sócios mirins. E, aos domingos, eles mesmos se apresentavam cantando, representando e recitando poesias ao microfone.

A Sociedade Bandeirantes de Rádio optou por levar ao ar, nesse período, as histórias de “Quim, o pequeno bandeirante”. Eram textos de cunho histórico, escritos e narrados por Joaquim Carlos Nobre, transmitidos às segundas, quartas e sextas-feiras, às 18 horas.

Em 3 de setembro de 1937, os Diários Associados, de Assis Chateaubriand, incorporam também o Rádio. No dia seguinte à sua inauguração, a emissora inclui em sua programação o “Tupi dos Garotos”. No comando estava Silvia Autori – Tia Chiquinha –, que já era dona de sucesso, há algum tempo, desse mesmo programa na Tupi do Rio de Janeiro.

Em entrevista à Revista do Rádio_ de 27 de junho de 1950, Silvia Autori explicou essa nova fase. Em 1935, fazia programas femininos que não a agradavam. Ao ser convidada para trabalhar com crianças, “corri ansiosa para fazer algo de bom no Rádio. Pareceu-me justo que as crianças também tivessem programas, que pudessem ouvir coisas úteis.” A “Hora Infantil” tinha vários artistas cômicos e a parte literária era orientada pela apresentadora.

Em abril de 1936, Revista Carioca dedica um grande espaço para falar do trabalho desenvolvido por Silvia Autori, chamando-a de uma criatura abnegada que dedica todo o seu tempo para divertir e instruir as crianças. E a locutora explicava como era esse trabalho. ‘A Hora do Guri’ não possui, unicamente uma tia a dirigi-la, e sem uma verdadeira família a orientá-la. “Temos aqui, um primo Carlos, o Speaker, um ‘Tio João’, o cronista do programa e o professor Bacraó, humorista”. O programa apresentado na PRG-3, no Rio de Janeiro, contava com um coral de 50 vozes infantis, e vários quadros entre crianças, designados:



“Guri Repórter”, “Guri Ouvinte” etc. As crianças também escreviam e tinham seus nomes mencionados no programa.

Silvia Autori, tanto em São Paulo como no Rio de Janeiro, fez muito sucesso. A Revista do Rádio, de 30 de maio de 1950, lembrava que Tia Chiquinha era uma criatura de voz doce, cheia de ternura, que contava deliciosas e construtivas histórias. E, em 1936, tinha 10 mil sobrinhos cadastrados e entre eles estavam as cantoras Marlene e Marion.

A cidade de São Paulo continuava com os programas infantis. A Excelsior, PRG-9, apresentava, em novembro de 1937, “Ravengar”, criação de Otávio Gabus Mendes. Eram estórias baseadas no detetive Bob Steves e suas peripécias.

Em 2 de janeiro de 1939, estreava o programa “Sítio de Dona Benta pelo Espaço”, na Rádio Cultura, das 9h45 às 10 horas. Programa infantil diário com direção de Monteiro Lobato e com Sagramor Scuvero no papel de dona Benta. E aos domingos acontecia o “Programa Infantil” das 9h30 às 10h30, com direção de Sagramor Scuvero e Nenê Camargo Braga.

Nesse mesmo ano, a Excelsior lançava em maio o “Programa da Carochinha”, comandado por Virginia Rizzardi, Tia Justina, das 17h15 às 17h30. E em 3 de agosto estreava na Bandeirantes, às 16h30, o “Teatro de Brinquedo” com a peça Rainha Malvada. Uma adaptação de Sagramor Scuvero de um conto popular húngaro. O elenco era formado por crianças de 7 a 12 anos.

As emissoras do Rio de Janeiro também ofereciam um grande espaço para as crianças. A Revista Carioca de 11 de abril de 1936 resolveu dedicar diversas páginas a esse tema. E cita que a Rádio Sociedade foi a primeira estação “inventora das aulas de história para crianças”. Desde 1930, Beatriz Roquete Pinto, que “herdou de seu incansável pai o mesmo ânimo para as campanhas vitoriosas”, conta histórias através do “Quarto de Hora Infantil”. Antes dela, o programa era comandado pelo professor João Kopke – o vovô –, e a professora Heloisa Alberto Torres – Tia Joana.

E Beatriz Roquete Pinto conta como tudo começou. “A princípio só contava histórias recreativas, reservando apenas alguns minutos para responder as cartas que me eram dirigidas pelos meus pequenos sobrinhos – porém, há dois anos (1934) ampliei o programa organizando o orpheônico sob a direção do Senhor José Brandão, professor de música e canto orpheônico de Villa-Lobos.” Depois, a direção passou para a professora Cacilda Borges. O sucesso do programa e o resultado foram excelentes; lá se revelaram uma série de artistas, entre elas, Lídia Matos.



“Prefiro contar histórias recreativas – as crianças, depois de um dia no colégio preferem, ao chegar em casa, ouvir, segundo suponho, o Sherloquinho e a Gata Borracheira. E, apesar da insistência em quererem, cantar sambas e marchas, vejo, pelas cartas e telefonemas que recebo, que as histórias de fadas ainda são as preferidas”, concluiu Beatriz.

“Tia Lúcia” era um nome bem conhecido e amado pelas crianças do Rio de Janeiro. Esse título não definia especificamente uma locutora e sim três. As professoras Marina de Pádua, Augusta de Queiroz Oliveira e Ilka Labarthe encarnavam a figura sugestiva e misteriosa de Tia Lúcia. “Que passeia com as crianças no tapete mágico e que ensina utilíssimos assuntos conversando com um sigilo tanto maior quanto mais intensa curiosidade desperta.”

Marina de Pádua explicou à Revista Carioca como funcionava um programa no qual três mulheres tinham o mesmo nome. “Tia Lúcia, não é bem uma figura, é um título. Quando o professor Roquete fundou a PRD-5, foi idealizado um tipo de ‘tia’ que ensinasse histórias, e desse aulas abrangendo todos os assuntos referentes a utilidade das crianças.” Eram dadas aulas de diversas matérias, cada professora fica responsável por duas. “Marina de Pádua é uma Tia Lúcia que encanta e instrui. perto dela, a gente tem vontade de aprender de novo o A-B-C”, enfatiza a reportagem da revista.

Outra professora que sustentava com alegria o título de “Tia Lúcia” era Augusta de Queiroz de Oliveira. Dedicava toda a sua atenção à correspondência escolar, gostando de conservar o anonimato. As pessoas que a ouviam não imaginavam ser ela tão jovem. “As ‘Tias Lúcias’ dão essa impressão: talvez pela cultura que causa estranheza em criaturas tão moças e simples”, diz a Revista Carioca.

Mas, certamente, Ilka Labarthe foi a mais famosa das “Tias Lúcias”. Criadora do quadro “Tapete Mágico”, que fazia com que as crianças e os adultos se imaginassem viajando por diversos países, através de suas histórias.

Além de ser diretora dos programas do Departamento de Propaganda e Difusão Cultural e ter se dedicado a vários programas femininos, era, na opinião da Revista Carioca, de 18 de abril de 1936, “a dona da voz mais clara e ótima dicção feminina do nosso Rádio”. As suas aulas eram transmitidas pela PRD-5 e pela PRA-9.

Afilhada de uma atriz famosa, de quem tomou o nome como homenagem, Ismênia dos Santos era conhecida como a “speaker número 01”. Atuou em companhias teatrais de comédias e operetas. Iniciou na Rádio Clube interpretando esquetes. Durante sua carreira fez programas femininos, humor e, em 1936, tornava-se a “Vovó da Rádio Nacional” e



deliciava a meninada com o “Hora dos Garotos”. Ela nasceu na cidade de Campos, no dia 19 de março de 1910. Foi casada com Victor Costa.

Uma das colaboradoras do programa “Hora do Guri”, da PRG-3, era Dulce Malheiros. Tinha uma característica bem diferente, imitava com perfeição diversas vozes. Juntamente com o Capitão Furtado foi criadora de diversos tipos, dando um cunho humorístico a esse programa. Além disso, cantava músicas regionais e gravou alguns discos de humor.

Armando Migués fez uma grande reportagem na Revista A Cena Muda, 15 de abril de 1945, sobre Silvia Regina. E a descrevia como alguém que vinha prestando sua colaboração ao Rádio nacional, como no setor do radioteatro, quer na parte de redação do “Programa do Garoto”, apresentado pela Cruzeiro do Sul, e “dedicado ao pessoalzinho miúdo”.

Inclinada pela profissão a lidar com as crianças, Silvia Regina era professora formada; criou um programa em que fosse possível contar histórias, divulgar conhecimentos úteis, explicar noções de higiene, ensinar jogos infantis. Ela começou no Rio Grande do Sul. E a partir de 1938 atuava na Cruzeiro do Sul do Rio de Janeiro. O “Programa do Garoto” contava com um teatrinho apresentado pelas próprias crianças.

Os programas infantis revelaram diversas artistas para o Rádio. Entre elas, Agripina Duarte, conhecida como a número 01 de São Paulo. Com 16 anos, em 1934, cantava sambas e marchas na Record. Já Lola Silva foi eleita no mesmo ano pela Revista Sintonia a princesa do Rádio infantil. Uma das vozes mais aplaudidas do microfone. E também, Nana Oliveira, que iniciou no “Hora Infantil”.

Conclusão – Durante o período de 1923 a 1943, muitas mulheres se destacaram nas mais diversas atividades. No Rádio, enfrentaram o desafio de comandar programas voltados ao público feminino e infantil.

Ao analisar os temas apresentados nos programas femininos nos vinte primeiros anos do Rádio, nota-se claramente que quase nada mudou na programação dedicada a mulher, transmitida atualmente pelas emissoras de televisão.

Conselhos médicos, economia doméstica, dicas de beleza e elegância e as receitas culinárias ainda permeiam o universo feminino diariamente em quase todos os canais abertos de nossa TV.

Quanto aos programas infantis a programação, em sua maioria, mudou bastante. Nos 20 primeiros anos do Rádio a temática girava em torno de da literatura e desenvolvia a



imaginação das crianças contando histórias, muitas vezes narradas e desenvolvidas por grandes escritores.

Uma outra modalidade eram as transmissões voltadas para os talentos infantis que cantavam, declamavam e também atuavam como locutores.

Reunir todo esse material, classificar, comparar foi um trabalho gratificante. Procurando informações em diversas fontes, sentíamos o quanto é necessário resgatar nomes de artistas que serviram de exemplo para os profissionais de hoje.

É fundamental que surjam outros trabalhos para aprofundar essa temática. O Rádio é um veículo fascinante. Os programas femininos e infantis serviram de paradigmas a tudo que é feito hoje, temos de comunicação, principalmente na televisão.

Bibliografia

- ALMIRANTE, pseud. de Henrique Foréis Domingues. *No tempo de Noel Rosa*, Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1963.
- CABRAL, Sérgio. *No tempo de Almirante: uma história do rádio e da MPB*, Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.
- CABRAL, Sérgio. *No tempo de Ari Barroso*, Rio de Janeiro: Lumiar, 1993.
- FANUCCHI, Mário, Apostila do Curso “O Rádio e a TV nos Anos 50: Transição”, realizado na ECA-USP, 1º semestre de 1990.
- FERRAZ SAMPAIO, Mario. *História do Rádio no Brasil e no mundo. Memórias de um pioneiro*, Rio de Janeiro: Achiamé, 1984.
- FREDERICO, Maria Elisa Bonavita. *História da Comunicação. Rádio e TV no Brasil*, Petrópolis: Vozes, 1982.
- GOLDFEDER, Miriam. *Por trás das ondas da Rádio Nacional*, São Paulo: Paz e Terra, 1981.
- LOPES, Saint-Clair. *Comunicação – Radiodifusão hoje*, Rio de Janeiro: Temário, 1970.
- MURCE, Renato. *Nos bastidores do rádio – fragmentos do rádio de ontem e de hoje*, Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- PIRES, Thyrso. Rádio Almanaque Paulistano, São Paulo, nº 01, janeiro de 1951.
- ROCHA, Vera Lucia e HERNANDES VILA, Nanci Valença. *Cronologia do rádio paulistano: anos 20 e 30*, São Paulo, CCSP/Divisão de Pesquisas, 1993, volume 1.
- SAROLDI, Luiz C. e Moreira, Sonia Virginia. *Rádio Nacional, o Brasil em Sintonia*, Rio de Janeiro: Funarte INM/DMP, 1984.



SEVERINO, Antonio Joaquim. *Metodologia do Trabalho Científico*, São Paulo: Cortez, 2000.

VÁRIOS AUTORES. *Actores e Actrizes*, Rio de Janeiro, Oficinas de Obras Graphico das S/A à Noite, ano 1940, 1ª edição.

REVISTAS

Revista A Cena Muda, Coleção de 1942 a 1950, Rio de Janeiro.

Revista Carioca, 1935 a 1937, Rio de Janeiro.

Revista da Semana, 1935 a 1946; 1951 e 1955; Rio de Janeiro.

Revista O Malho, 1934 a 1939, Rio de Janeiro..

Revista Rádio Paulista, março de 1927 a dezembro de 1927, janeiro de 1928 a novembro de 1928, São Paulo.

Revista Radiolândia, 1954 a 1958, Rio de Janeiro.

Revista Única, abril de 1926, Rio de Janeiro.

Revista Walkyrias, agosto de 1934 a dezembro de 1943, Rio de Janeiro.